

Expresso

09-03-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Política

Dimensão: 179

Imagem: S/Cor

Página (s): 10

## Eleitores com mais de 60 anos já são um terço do total

**Já tinham estado nas ruas a 15 de setembro. E voltaram, agora em maior número. Os 'velhos' já não são do Restelo, mas do país inteiro**

“Quando já não me indignar, terei começado a envelhecer”, escreveu um dia o francês André Gide. No último sábado, os ‘velhos’ indignaram-se. Não para se continuarem a sentir jovens, mas para reclamarem o respeito que julgam devido precisamente à sua idade. Já tinham aderido em grande número à manifestação de 15 de setembro. Neste 2 de março, com pretextos redobrados, dominaram os protestos por todo o país.

De acordo com os últimos dados da Direção-Geral da Administração Interna, há perto de três milhões de eleitores acima dos 60 anos — quase um terço do total de recenseados. As opções deste Governo — boa parte delas a recaírem, direta e indiretamente, sobre esta faixa etária — mexeram com eles. Alguns associaram-se (criaram a APRE, Associação de Aposentados, Pensionistas e Reformados), muitos participaram agora numa manifestação pela primeira vez na sua vida, empunhando cartazes com *slogans* de contestação e entoando palavras de ordem.

Crê-se que boa parte até terá votado nos dois partidos da coligação nas últimas legislativas, mas não há base científica que confirme essa observação empírica. Os últimos três estudos de opinião feitos pela Eurosondagem para o Expresso, por exemplo, não permitem conclusões taxativas: se a

percentagem de inquiridos que dizem votar no PSD, em março, é significativamente a mesma entre os maiores de 60 ou entre os que estão abaixo dessa idade (21,2% para 21,1%) e o CDS tem melhores resultados entre os mais velhos (7,7% para 7,0%), só na CDU é que, de facto, os eleitores ‘idosos’ são significativamente mais do que os outros (11,4% ‘contra’ 9,5%).

Facto é que a participação política dos mais velhos que, *in illo tempore*, até tiveram representação parlamentar (o PSN, o partido que se apresentava como ‘dos reformados’, chegou a eleger um deputado na legislatura 91/95) está pouco estudada. Os sociólogos Pedro Magalhães e Jesus Sanz Moral, que em 2008 fizeram um relatório sobre “Os jovens e a política” para o Centro de Sondagens da Universidade Católica, permitem-nos, ainda assim, traçar um perfil: os mais velhos fazem pior avaliação do funcionamento da democracia, são mais pessimistas em relação ao futuro, têm maior tendência para dizer que não se interessam ‘nada’ pela política do que os mais novos. Só que os seus níveis de conhecimento factual sobre política são superiores aos destes e por isso têm maior propensão para votar e dão mais importância ao voto como forma de participação, em desfavor do protesto. Mas isso foi há cinco anos. Agora, como cantaria o septuagenário Bob Dylan, “times they are a’changin’”. À atenção da classe política.

CRISTINA FIGUEIREDO

cfigueiredo@expresso.imprensa.pt